

## INFÂNCIA: PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM

Milena Cosmo da Silva<sup>1</sup>; Pedro Thiago Chagas de Souza<sup>2</sup>.

*Universidade Católica de Pernambuco, pedrothiagomih@gmail.com*

*Universidade Católica de Pernambuco, silva.milena0412@gmail.com*

### **Resumo:**

Este artigo tem como objetivo retratar a infância, desde o século XV até os dias atuais. Buscando compreender como se dá o processo de desenvolvimento da criança, para que desta forma o processo de aprendizagem aconteça de forma significativa. A metodologia aplicada foi de caráter bibliográfico. Para isso, procuramos nos fundamentar em Piaget, Rogers, dentre outros. Os resultados mostraram a importância do conhecimento sobre como a infância foi concebida. O valor dos estudos realizados acerca do desenvolvimento infantil, proporciona uma melhor compreensão das fases que a criança passa, e desta forma, garante uma melhor orientação ao educador em sala de aula, para proporcionar uma aprendizagem mais significativa.

**Palavras chaves:** infância, desenvolvimento, aprendizagem.

### **INTRODUÇÃO**

O Desenvolvimento Infantil (DI) é parte fundamental do desenvolvimento humano, destacando-se que, nos primeiros anos, é moldada a arquitetura cerebral, a partir da interação entre herança genética e influências do meio em que a criança vive (SOUZA; VERÍSSIMO, 2015)

Para promoção da saúde da criança, é indispensável a compreensão de suas peculiaridades, assim como, condições ambientais favoráveis ao seu desenvolvimento. O

entendimento dos cuidadores sobre as características e necessidades próprias da infância, decorrentes do processo de desenvolvimento, favorece o desenvolvimento integral, pois os cuidados diários são os espaços de promoção do DI.

O papel do professor no processo de aprendizagem é indiscutivelmente decisivo, suas atitudes, concepções e intervenções, serão fatores determinantes no sucesso ou fracasso escolar de seus alunos. Pois cabe ao professor fazer as intervenções necessárias (com respeito, estímulo e trabalhando a autoestima). As intervenções e os estímulos são imprescindíveis, pois funcionarão como suportes da autoestima, que progressivamente levará o aluno a acreditar em si mesmo e na sua capacidade para superar as dificuldades. (MARREGA, 2014)

### **Concepção da infância**

A infância hoje existe e é respeitada, mas para chegar até aqui foi necessário passar por grande processo evolutivo. Até o século XV a taxa de mortalidade infantil era alta, mas a morte delas não era sentida pelos parentes.

De acordo com Ariès:

Não nos devemos surpreender diante dessa insensibilidade, pois ela era absolutamente natural nas condições demográficas da época. Por outro lado, devemos nos surpreender sim com a precocidade do sentimento da infância, enquanto as condições demográficas continuavam a lhe ser ainda tão pouco favoráveis. Estatisticamente, objetivamente, esse sentimento de veria ter surgido muito mais tarde. (ARIÈS, 1981, p. 57,56)

Ainda segundo Ariès:

As crianças eram vistas como descartáveis e de alma desprezível. [...] “a infância era um período de transição, logo ultrapassado, e cuja lembrança também era logo perdida” (ARIÈS, 1981, p.52).

Naquela época a criança não era retratada em pinturas da família, elas apareciam apenas em retratos do sagrado representando o menino Jesus e Nossa Senhora, contudo somente o rosto e tamanho se parecia com o de uma criança, o corpo tinha traços de adulto. Quando eram retratadas em quadros, eram facilmente confundidas com adultos, chamadas de “mini adultos”,

pois apenas o tamanho se parecia com o de uma criança. A criança era totalmente inserida no mundo adulto, as vestes, os lugares que frequentavam, nada era adequado para sua idade.

No século XVI o retrato da criança morta aparece. As crianças passam a ser retratadas em quadros de pintura junto com sua família, não apenas enquanto estão vivas, como também passam a ser lembrada pelos familiares quando morrem. “O aparecimento do retrato da criança morta no século XVI marcou um momento muito importante na história dos sentimentos” (ARIÈS, 1981, p.58).

No século XVII as crianças ganham o lugar delas nas pinturas e começam a ser representadas sozinhas, elas deixam de ser vistas como prolongamento da espécie e passam a ser vistas como seres humanos.

O sentimento da infância muda, o pensamento criado de que a criança não sobreviveria, dá lugar a noção de importância e valor que aquele ser tem, que ele também pode crescer e se desenvolver.

De acordo com Ariès:

Embora a mortalidade infantil se tenha mantido num nível muito elevado, uma nova sensibilidade atribuiu a esses seres frágeis e ameaçados, uma particularidade que antes ninguém se importava em reconhecer: foi como se a consciência comum só então descobrisse que a alma da criança também era imortal. (ARIÈS,1981, p. 61),

A visão que se tinha da criança era de vulnerabilidade, fáceis de contrair doenças, elas eram chamadas de propagadoras de enfermidade. No entanto, com o avanço da medicina começaram a surgir novas vacinas intervindo assim no infanticídio.

No século XVIII e XIX as vestes das crianças mudam, principalmente as crianças nobres e burguesas. Os meninos começam a ser distinguindo das meninas após a Primeira Guerra Mundial. A escola também sofre mudança, a criança começa a ser separada do adulto e começa a distinção de classes por idade. Por mais que o conceito de infância tenha se ampliado, ainda existia uma divisão entre as crianças por parte do Cristianismo, as que eram batizadas tinham direito a um túmulo, enquanto as pagãs eram enterradas nos jardins de sua casa como animais de estimação.

Com a chegada da revolução industrial, a figura materna sai de casa, deixando seus filhos com as avós. A diversão das crianças era recheada de livros, teatro de marionetes, circos e música clássica. As meninas são treinadas para casarem cedo, a serem boas donas de casa e mães. As meninas nobres também aprendiam a costurar e a bordar. (ARIÈS, 1981).

No passado, em meados do final do século XIX, ficou notado uma padronização em relação a educação das crianças. As crianças eram “educadas” dispostas em classes que dispunham de crianças com a mesma faixa etária. Nesse ponto, o conteúdo era passado de forma bastante abrupta e com extrema rigidez no ambiente escolar, como também no ambiente familiar.

Mas a grande mudança ocorre a partir do século XX, também conhecido como “Século da Criança”, com ingresso de muitas crianças nas escolas das sociedades industrializadas. A partir daí buscou-se descrever o desenvolvimento infantil para compreender como estas crianças aprendiam e quais os processos pedagógicos pertinentes para cada faixa etária, o que impulsionou a articulação das áreas de psicologia e pedagogia (SALVADOR et al., 1999; SALVADOR et al., 2000; CARVALHO, 2002, apud ALMEIDA SANTOS CAMARGO, 2012).

Tudo isso deu lugar a uma sociedade que hoje temos, com espaços adequados para crianças nos ambientes públicos como escolas, hospitais, na família e na sociedade. Hoje existem desenhos, brincadeiras, vestimentas próprias para a criança e classificadas por faixa etária. Elas são respeitadas, tratadas e vistas como pequenos seres humanos que necessitam de apoio para que seu desenvolvimento aconteça de forma correta.

## O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Podemos explicar o processo pelo qual as crianças se desenvolvem a partir da pesquisa feita por Piaget. Ele batiza essa obra de Epistemologia Genética, ou seja, o desenvolvimento da inteligência e a construção de conhecimento.

De acordo com Palangana:

Sem perder de vista o propósito de estudar a gênese do conhecimento humano, Piaget, no início do seu trabalho, vai elaborando, ao mesmo tempo, teoria e método próprios. Ambos mantêm entre si uma relação de reciprocidade

garantida pela duplicidade funcional que caracteriza esse procedimento metodológico: o método clínico-experimental funciona ao mesmo tempo como um instrumento de diagnóstico e de descoberta. (PALANGANA, 1998, p. 14)

Ele conceitua a inteligência em função e estrutura. A função é de adaptação, a necessidade do sujeito de se modificar para adaptar-se ao meio que ele está inserido. Defende também, como estrutura, que a inteligência não é apenas um acúmulo de informações e sim a organização delas. Antes de pontuar os três estágios do desenvolvimento infantil, Piaget aborda sobre os conceitos de assimilação, acomodação e equilíbrio. A assimilação para Piaget é a interpretação, ou seja, absorver informações de um objeto de acordo com a organização mental do sujeito. A acomodação é a modificação da organização mental para receber outras informações. Equilíbrio é a dinâmica entre equilíbrio e o desequilíbrio da sua organização mental. (PALANGANA, 1998)

A inteligência muda de qualidade. Essa mudança Piaget nomeia de estágios e eles são divididos em três.

De acordo com Palangana:

Cada estágio se desenvolve a partir do que foi construído nos estágios anteriores. A ordem ou sequência em que as crianças atravessam essas etapas é sempre a mesma, variando apenas o ritmo com que cada uma adquire novas habilidades. Com relação à faixa etária discriminada em cada período, Piaget observa que as mesmas não podem ser tomadas como parâmetros rígidos. (PALANGANA, 1998, p. 19),

O primeiro chamado de sensório-motor (0 a 24 meses) é uma inteligência pré-verbal, prática, de ação e percepção. “Ainda que essa conduta inteligente seja essencialmente prática, é ela que organiza e constrói as grandes categorias de ação que vão servir de base para todas as futuras construções cognitivas que a criança empreenderá” (PALANGANA, 1998, p. 25)

Antigamente, acreditava-se que nessa faixa etária a criança não apresentava nada relevante para a inteligência, apesar desse pensamento permanecer na cabeça de algumas pessoas, Piaget defende que a inteligência começa antes da fala. Nessa idade também, a criança começa a construir a ideia de objeto permanente e de causalidade. É a construção do real através de ações e percepções. (PALANGANA, 1998)



O segundo estágio chamado de pré-operatório (02 a 07 anos) a criança já tem a noção de representação, tem a capacidade de se reconhecer no espelho, e da imitação. Deixa de ser apenas uma inteligência de ação para uma inteligência de ação e representação.

Além dessas estruturas, existem outras típicas desse estágio, como por exemplo: de caráter pré-lógico pode ser citado o raciocínio transdutivo ou intuitivo; quando a criança atribui atos humanos a fenômenos naturais. é conhecido como pensamento artificialista; antropomorfismo é quando se atribui características humanas a animais; atribuir vida a seres inanimados se conceitua como animismo. “É nesse estágio que se estrutura a habilidade cognitiva fundamental para que a criança possa trabalhar com as operações lógicas, passando assim para o estágio seguinte” (PALANGANA, 1998, p. 26). O terceiro e último estágio é o chamado de operatório (07 anos em diante) conhecido também como operação ação interiorizada reversível. A criança sabe agir sobre o mundo, sabe agir sobre as representações e sabe pensar em algo e voltar para o ponto de início.

## UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICANTE

Existem diversas visões que podem ser utilizadas para compreender a forma como o sujeito aprende. Na psicologia humanista, a proposta de Carl Rogers nos traz um entendimento de uma aprendizagem que foge do tradicional. Ele aborda o ser humano como um organismo em processo de integração. Único, autônomo que precisa ser aceito, respeitado e compreendido como é. “O homem não nasce com um fim determinado, mas goza de liberdade plena e se apresenta como um projeto permanente e inacabado” (MIZUKAMI, 1986, p. 38).

Essa visão sobre o ser humano é de extrema importância quando se trata da educação e relação professor-aluno. Enxergar o sujeito como um todo quebra o relacionamento formal, dando lugar ao relacionamento interpessoal, buscando uma aprendizagem significativa e de qualidade centrada na pessoa.

De acordo com Mizukami (1986, p. 42),

A única autoridade necessária aos indivíduos é a de estabelecer qualidade de relacionamento interpessoal. Os indivíduos que são submetidos

às condições desse tipo de relacionamento tornam-se mais auto responsáveis e apresentam progressos em direção a auto realização, tornando-se igualmente mais flexíveis e adaptáveis, criativamente.

Na proposta rogeriana, acredita-se que o aluno tem motivação inerente para aprender, logo é tarefa do professor facilitar essa aprendizagem. O professor tem função de mediador. É visto como um facilitador da aprendizagem e não apenas um transmissor de conhecimento. (MIZUKAMI, 1986)

Nesse caso, ele deixa de transmitir uma imagem de educador compreensível, tolerante, para se mostrar como pessoa, com seus defeitos e qualidades, tendo transparência com seus alunos. O ensino irá depender do professor e de como ele aborda o conteúdo. “O processo de ensino, portanto, irá depender do caráter individual do professor, como ele se inter-relaciona com o caráter individual do aluno” (MIZUKAMI, 1986, p. 52). A metodologia do professor também não deve ser sistematizada, cada educador eficiente deve criar uma forma de facilitar a aprendizagem. Uma escola com essa visão será uma escola onde a criança deverá ser respeitada e vista como um todo. “É uma escola que ofereça condições que possibilitem a autonomia do aluno” (MIZUKAMI, 1986, p. 47).

Nesta abordagem é enfatizado o sujeito, a auto realização e as interações numa situação de ensino-aprendizagem. Já os conteúdos e métodos ficam em segundo plano, estes não podem ser fixos. Cada ser é único e precisa ser respeitado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos a partir desse estudo que antigamente não existia o conceito de infância, a criança estava totalmente inserida no mundo adulto. Com o tempo ela foi ganhando valor, respeito e visibilidade. Várias mudanças aconteceram até a criança ter seu lugar, não apenas na família, mas também nos locais públicos. Hoje existem vestimentas próprias para sua idade, brinquedos e brincadeiras para cada etapa de seu desenvolvimento. Mas para entender melhor a criança foi necessário estudar seu desenvolvimento e como acontece o processo de aprendizagem.

Podemos compreender, a partir de Piaget, que a criança passa por três estágios, cada qual com características específicas, levando em consideração a idade da criança, que precisa ser respeitado. Existem visões que fogem do tradicional para facilitar a aprendizagem da criança, a proposta rogeriana é uma destas, pois a abordagem humanista possibilita reconhecer que o professor tem o papel de mediador de conhecimento e não apenas um transmissor dele. Entendemos, também, que a criança tem a motivação inerente nela, é curiosa, busca sempre o conhecimento e por si só tem motivação, ela só precisa de alguém que facilite sua aprendizagem e que a veja como um ser completo.

#### REFERÊNCIAS

ALMEIDA SANTOS CAMARGO, Poliana da Silva. **Desenvolvimento Infantil e Processos de Aprendizagem e Ensino**: alguns olhares e contribuições, [S.l.], p. 1-20, jun. 2012.

Disponível em: <[http://file:///C:/Users/Aluno/Downloads/1355920212artigo\\_pedagogas.pdf](http://file:///C:/Users/Aluno/Downloads/1355920212artigo_pedagogas.pdf)>. Acesso em: 14 set. 2018.

ARIES, Phillippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

MARREGA, STELA NOLLA MARREGA. **O desenvolvimento e aprendizagem das crianças na Educação Infantil**. 2014. Disponível em:

<<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/idiomas/o-desenvolvimento-e-aprendizagem-das-criancas-na-educacao-infantil/57711>>. Acesso em: 14 set. 2018.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino**: as abordagens do processo. São Paulo, 1986.

NPDGIRASSOL. COLEÇÃO GRANDES EDUCADORES JEAN PIAGET. **Youtube**, 12 mar. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rRLukeE2HGzA&T=3s>>. Acesso em 12 de mar. 2018.

PALANGANA, Isilda Campaner. **Desenvolvimento & Aprendizagem em Piaget e Vygotsky**: a relevância social. 2 ed. São Paulo: Plexus Editora, 1998.

SOUZA, Juliana Martins de; VERÍSSIMO, Maria de La Ó Ramallo. **Desenvolvimento infantil: análise de um novo conceito**. [S.l.], p. 1-8, dez. 2015. Disponível em:





<[http://www.scielo.br/pdf/rlae/v23n6/pt\\_0104-1169-rlae-23-06-01097.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rlae/v23n6/pt_0104-1169-rlae-23-06-01097.pdf)>. Acesso em: 14 set. 2018.